

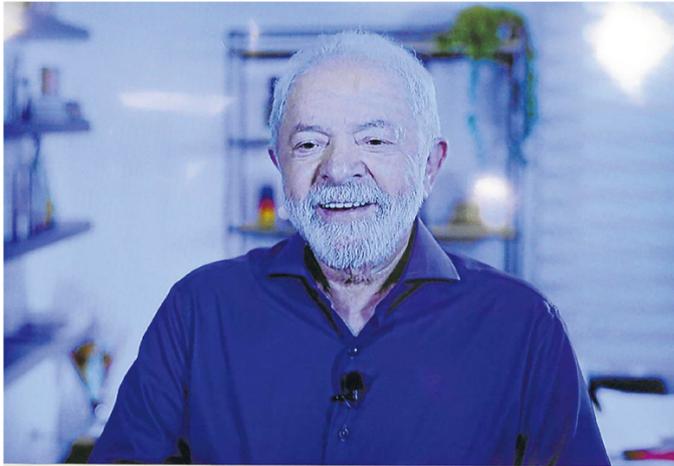
Lula: ministro da Economia deve ter compromisso social



Em sabatina do Correio, ex-presidente afirma que seu escolhido para a pasta vai zelar pela responsabilidade fiscal, sem descuidar das necessidades da população. Ele promete abrir mais concursos e valorizar o servidor público

Economia terá foco no social, diz Lula

Marcelo Ferreira/CEB/DA Press



Lula: "Vivemos, hoje, um Brasil em que os servidores públicos não receberam nenhum reajuste de salário desde 2017. É uma coisa absurda"

Lider das pesquisas de intenção de voto, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tem sido pressionado pelo mercado financeiro a anunciar quem será o ministro da Economia, caso vença as eleições. Ele insiste em manter o mistério, mas, em sabatina do Correio Braziliense, da TV Brasília e da rádio Clube FM, ontem, afirmou que o escolhido será alguém com "responsabilidade fiscal e social". "Meu ministro da Economia terá perfil de um cara que tenha muita inteligência política, uma pessoa que tenha compromisso social, pessoa que tenha que pensar na responsabilidade fiscal e na responsabilidade social", frisou.

Lula argumentou que o ministro tem de lembrar das necessidades das pessoas quando precisar cortar gastos. "Cada vez que a gente pensa que tem de segurar o dinheiro, temos de pensar que tem gente passando fome, dormindo em boxão de ponte, crianças abandonadas", destacou. Segundo ele, será preciso "uma política quase que de guerra" que "envolva toda a sociedade para a gente poder recuperar este país".

O nome de Henrique Meirelles (União Brasil) tem sido cotado para assumir a pasta em um eventual governo petista. Meirelles comandou a pasta da Fazenda no governo Michel Temer e o Banco Central no governo Lula.

O economista declarou voto no petista antes do primeiro turno e se aproximou da campanha. "Etieno presidente Lula não só foi o melhor presidente da história do Brasil como fará ainda mais. A partir de 1º de janeiro, já vamos ver outro Brasil. Um Brasil com otimismo, força, dinâmica e capacidade de trabalhar. O povo brasileiro é criativo e trabalhador, mas precisa de emprego, renda e alimentação", disse, em evento em São Paulo nesta semana.

Em uma publicação no Twitter, na última quarta-feira, Lula afirmou que ainda não conversou com ninguém sobre cargos por que não vai se apressar. "Não quero sentar na cadeira antes das

eleições, mas posso dizer que vamos ter muitas mulheres no nosso governo", frisou.

Na sabatina do Correio, ele criticou o fato de que, neste governo, o Orçamento da União ser comandado pelo Parlamento. "Nós vamos conversar com o Congresso no que fazer para voltar a normalidade. Não é normal o Congresso querer administrar o Orçamento. O Orçamento é administrado pelo Poder Executivo. Vou conversar com o Arthur Lira (presidente da Câmara) e com o Rodrigo Pacheco (presidente do Senado) para a gente discutir esses assuntos", comentou.

Concursos

O postulante ao Planalto também enfatizou o desejo de abrir mais concursos públicos e reajustar os salários dos

servidores federais. "Nós vivemos, hoje, um Brasil em que os servidores públicos não receberam nenhum reajuste de salário desde 2017. É uma coisa absurda", sustentou.

O candidato da Coligação Brasil da Esperança falou sobre as alegações da campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) de que rádios boicotaram inserções eleitorais do chefe do Executivo. Segundo Lula, as acusações do adversário demonstram "desespero" e "choro de quem sabe que vai perder as eleições".

"Eu não sei o estado psicológico do presidente da República, mas tenho percebido que ele tem perdido o controle. Esse negócio das rádios é uma coisa de incompetência da equipe dele, e nós não temos nada a ver com isso", ressaltou. "Ele tenta criar confusão por conta disso porque está

desestruturado, pois percebeu que tem a possibilidade de perder a eleição".

Na avaliação do ex-presidente, a hipótese ventilada por aliados de Bolsonaro sobre adiar o segundo turno das eleições, por conta do episódio, "não pode ser levada a sério". "A gente não pode aceitar essa discussão porque as eleições serão no domingo, as pessoas estão preparadas para votar. Quem vai votar no Bolsonaro vai votar no Bolsonaro, quem vai votar no Lula, vai votar no Lula", argumentou. "Nós, na verdade, temos que disputar pessoas que estão indecisas e as que votaram nulo e branco no primeiro turno, mas é o direito que ele tem de chorar, esperar, de quem sabe que vai perder as eleições."

A equipe de Bolsonaro entrou com uma ação no Tribunal

Superior Eleitoral (TSE) para repor a defasagem alegada pela defesa em relação às rádios. No entanto, a Corte negou o pedido e considerou a denúncia inconsistente. Destacou, ainda, que é responsabilidade das campanhas fiscalizar a veiculação das propagandas eleitorais — o presidente do TSE, Alexandre de Moraes, reiterou, ontem, não ser atribuição do tribunal controlar os programas (leia reportagem na página 6).

Após a rejeição da ação, Bolsonaro convocou entrevista coletiva de urgência no Palácio da Alvorada para falar sobre o caso das rádios, disse que recorrerá da decisão ao Supremo Tribunal Federal (STF) e reclamou de desequilíbrio em relação ao tempo de propaganda pevista.

No pronunciamento, Bolsonaro também acusou a campanha de Lula de aplicar "golpes abaixo da linha da cintura". Questionado sobre a declaração, o ex-presidente respondeu que o adversário tem uma "indústria de fake news" e que o PT rebate alguns ataques. "Nós ganhamos 39 processos para tirar fake news dele. Não sei quantos robôs ele tem, mas tem uma poderosa máquina de contar mentiras."

Isolamento

De acordo com Lula, o Brasil está "isolado" no cenário internacional por causa de Bolsonaro. O chefe do Executivo faz críticas constantes, inclusive em atos de campanha, a países da América Latina, especialmente Venezuela e Argentina. Se eleito, o petista afirmou que vai se reunir com líderes mundiais de países e blocos econômicos.

A entrevista ocorreu no dia em que Lula completou 77 anos. "Neste momento, estou em casa, porque hoje é o meu aniversário", disse. (Denise Rothenburg, Ana Maria Campos, Arthur Luis Cardoso, Raphael Felício, Rafaela Gonçalves, Victor Correia e João Gabriel Freitas, estagiário sob a supervisão de Cida Barbosa)

Leia os principais trechos da entrevista na página 4

Digo sempre que tem três palavras cruciais para que um presidente da República possa governar: credibilidade, estabilidade e previsibilidade. O Bolsonaro não garante nenhuma"

Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT

Em carta aberta, lista de promessas

Em carta aberta, divulgada ontem, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se compromete em combater "política fiscal responsável" com "responsabilidade social e desenvolvimento sustentável". O documento, chamado de "Carta para o Brasil de amanhã" fala em "regras claras e realistas".

Houve divisão interna na campanha de Lula sobre a necessidade de divulgar a carta. Aliados do ex-presidente passaram a eleição inteira dizendo que não seria necessário apresentar algo parecido com a célebre "carta aos brasileiros" de 2002, na qual Lula fez um aceno ao mercado financeiro. O argumento era de que o petista tem o histórico de seus dois mandatos como garantia de compromisso com a responsabilidade fiscal. Aliados que aderiram à campanha no segundo

turno, no entanto, como a senadora Simone Tebet (MDB), se mostraram favoráveis à ideia de detalhar planos de governo.

Como já havia registrado em seu plano de governo, o ex-presidente afirma que debaterá com empresários, governos e trabalhadores a construção de "uma nova Legislação Trabalhista que assegure direitos mínimos — tanto trabalhistas como previdenciários — e salários dignos, assegurando a competitividade e os investimentos das empresas", frisou.

A carta é recheada de compromissos com programas sociais e de investimento em infraestrutura que envolvem gastos públicos.

Martini e Canal, iJagência Brasil



No documento, a campanha prevê a retomada de "obras paradas" e a estruturação de um novo Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, para "reativar a construção civil e a engenharia pesada", com foco em "demandas

sociais como habitação, transporte e mobilidade urbana, energia, água e saneamento".

Lula promete, ainda, definir a retomada das obras paradas. "Vamos investir em serviços públicos e sociais, em infraestrutura

econômica e em recursos naturais estratégicos. Os bancos públicos, especialmente o BNDES, e empresas indutoras do crescimento e inovação tecnológica, como a Petrobras, terão papel fundamental neste novo ciclo", ressaltou.

Lula diz que debaterá a construção de "uma nova Legislação Trabalhista"

Na área social, Lula promete o reajuste anual do salário mínimo acima da inflação. O Bolsa Família terá valor de R\$ 600, somados R\$ 150 para cada criança de até 6 anos, em eventual governo Lula 3.

A carta menciona a criação de um programa para renegociar dívidas com descontos e juros baixos e Imposto de Renda zero para quem ganhar até R\$ 5 mil, além de uma reforma tributária.

O ex-presidente também faz menção à proposta de Simone Tebet, sobre igualdade salarial para homens e mulheres que exerçam os mesmos cargos. Outra proposta encampada pela senadora, aglutinada na carta, é o fim das filas de consultas, exames e cirurgias que não foram realizados na pandemia.

Ao CB.Poder, ex-presidente diz não ser normal o Congresso definir a aplicação dos recursos públicos, como ocorre atualmente. Petista chama de “desespero” alegações de Bolsonaro sobre prejuízo nas inserções de propaganda eleitoral

“Orçamento é do Executivo”

Como avalia esse discurso do presidente Jair Bolsonaro sobre as inserções em rádio e televisão? Isso aumenta a tensão?

Não sei o estado psicológico do presidente da República hoje, mas o que tenho percebido é que ele tem perdido um pouco o controle. Tem acusado desnecessariamente pessoas, tem colocado coisas que não aconteceram em dúvida, e esse negócio das rádios é uma coisa da incompetência da equipe dele, que nós não temos nada a ver com isso. Ele tentará criar uma confusão por conta disso e porque está, do ponto de vista psicológico, um pouco desestruturado. Ele percebe, finalmente, que tem possibilidade de perder estas eleições, porque eu estou convencido de que nós temos chances de ganhar estas eleições, não só porque estamos na frente, mas porque nós temos uma campanha mais densa, mais estruturada. Desde a proclamação da República, ninguém nunca gastou a quantidade de dinheiro que o Bolsonaro tem gastado e inventado programa de última hora. São bilhões e bilhões nesta campanha, e ele não trabalha mais. Ou seja, quando fui candidato à reeleição, só saía para fazer campanha depois das 18h. Ele passa o dia inteiro fazendo campanha e não tem limite. Então, acho que o que ele fez ontem (quarta-feira), desesperado, convocar uma reunião, tentar falar com militares, é um pouco de desespero dele.

Bolsonaro disse na reunião que vai levar o caso das inserções ao STF e que vai fazer tudo dentro das quatro linhas da Constituição. Mas aliados dele cogitaram até pedir um adiamento do segundo turno. Como avalia isso?

Não pode ser sério alguém falar em adiamento das eleições, quem tem que fazer uma PEC (proposta de emenda à Constituição), ou seja, vai ser votada quando? Ano que vem? É um absurdo. A pessoa, na verdade, não tem o que falar e, aí, falou uma bobagem dessa. A gente não pode aceitar essa discussão porque as eleições serão domingo, todo mundo está preparado para votar, o povo já está decidido. Quem vai votar no Bolsonaro, vai votar no Bolsonaro. Quem vai votar no Lula, vai votar no Lula. Nós, na verdade, temos de disputar algumas pessoas que estão indecisos, ou algumas que votaram em branco ou nulo, que a gente tem de convencê-los a ir votar. No restante, é de direito de chorar, de esperar, de quem está percebendo que vai perder as eleições.

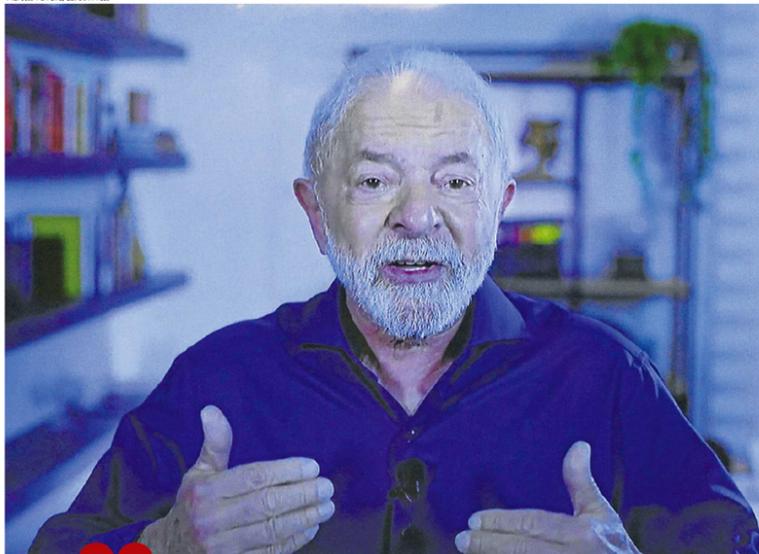
Na sua opinião, é por isso que ele adotou essa postura?

Acho que o Bolsonaro está ciente de que ele vai perder essas eleições, está ciente de que o povo já está tomando uma decisão. Ele acompanha pesquisa, estuda pesquisa, encomenda pesquisa e sabe que vai perder estas eleições porque o povo está precisando de mudança. O povo quer um Brasil mais alegre, com esperança, o povo quer um Brasil com prazer de ser brasileiro. O povo quer um país em que se distribua livros, e não armas. Um país em que se distribua empregos. Ou seja, nós vivemos hoje um Brasil em que os servidores públicos não receberam nenhum reajuste de salário desde 2017, os servidores públicos federais. É uma coisa absurda. Então, o povo quer mudar, e o presidente Bolsonaro tem o direito de esperar, tem o direito de recorrer, tem o direito de processar, e vamos tocar, porque a vida segue.

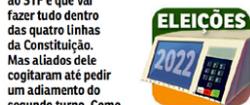
Além da sua campanha está dando golpes “abaixo da linha da cintura”, como acusou Bolsonaro?

É só assistir aos programas

Marcelo Ferreira/CB/OA Press



Esse negócio das rádios é uma coisa da incompetência da equipe dele (Bolsonaro), que nós não temos nada a ver com isso (...). Então, acho que o que ele fez ontem (quarta), desesperado, convocar uma reunião, tentar falar com militares, é um pouco de desespero dele”



de governo que você vai ver a diferença de comportamento da nossa campanha. Obviamente que, de vez em quando, a campanha responde a alguns ataques. Ontem, eu estava vendo que Bolsonaro, em uma semana, gastou quatro vezes mais do que nós, a campanha dele. Ele tem uma indústria de fake news. Nós já ganhamos 39 processos para tirar fake news dele das redes sociais, mas ele tem uma máquina poderosa. Não sei quantos robôs tem, mas tem uma máquina poderosa de contar mentira para este país, e nós vamos desmontando isso no nosso programa. É o mínimo que a gente pode fazer para reestabelecer a verdade neste país. As mentiras mais absurdas, as coisas sem nenhum nexo. E eles vão falando e vão mentindo, e vão repetindo. Nós entramos com vários processos. Ganhamos quase 39 processos contra o Bolsonaro, porque ele mente demais.

O senhor tem apoio de economistas que vão de Guilherme Melo, um perfil mais à esquerda, até Henrique Meirelles, de perfil mais liberal. Qual vai ser o perfil do seu ministro da Economia?

Meu ministro da Economia terá perfil de um cara com muita inteligência política, que tenha compromisso social, que tenha que pensar na responsabilidade fiscal e na responsabilidade social. Cada vez que a gente pensar que tem de segurar o dinheiro, tem de pensar que há gente passando fome, abandonada na ponte, crianças abandonadas. Para tudo isso é preciso que haja uma política quase que de guerra, que envolva toda a sociedade, para a gente poder recuperar este país e fazer as pessoas voltarem a acreditar. Digo sempre que tem três palavras cruciais para que um presidente da República possa governar: credibilidade, estabilidade e previsibilidade. O Bolsonaro não garante nenhuma, a gente nunca sabe o que vai acontecer no dia seguinte. É tudo de surpresa e tudo uma aventura. Ele não fala de economia, de trabalho, sindicato ou de

reprodução



Ninguém o convida para viajar e ninguém quer vir aqui ao Brasil. O Brasil está isolado”

desenvolvimento. Ou seja, ele vive de fazer fake news no seu cercadinho. O país não pode ser assim, tem de voltar a ser democrático, com as instituições funcionando. Vamos conversar com o Congresso o que fazer para voltar à normalidade. Não é normal o Congresso querer administrar o Orçamento. O Orçamento é administrado pelo Poder Executivo. Vou conversar com o Arthur Lira (presidente da Câmara) e com o Rodrigo Pacheco (presidente do Senado) para a gente discutir esses assuntos.

Em 2003, na sua posse, o senhor disse que só descansaria quando não tivéssemos nenhum brasileiro passando fome, e agora a gente vê que a fome é uma realidade no Brasil. Como avalia a situação?

O grave é que quando eu deixei a Presidência da República este país vivia o seu melhor momento de esperança. Lembro de uma pesquisa feita pela ONU (Organização das Nações Unidas) em que o Brasil era o país mais alegre do mundo, e o povo brasileiro era o que mais tinha esperança no mundo. A gente estava vivendo o auge de um crescimento econômico e de uma distribuição de riqueza, o PIB (Produto Interno Bruto) estava crescendo 7,5%, as pessoas estavam comprando carro, trocando

geladeira, fogão, máquina de lavar. A gente tinha implantado o Minha Casa, Minha Vida, a gente vivia um momento de euforia aqui no Brasil. Tínhamos mais de 13 mil obras funcionando no país inteiro. E, 13 anos depois, volto, e o país está pior do que eu peguei em 2003. Embora a inflação esteja um pouco menor, a inflação dos alimentos está mais alta. Embora o desemprego esteja um pouco menor, ainda está acima de 10%. Mais de 33 milhões de pessoas estão passando fome, abaixo da linha da pobreza. Ou seja, nós vamos ter de começar quase que tudo de novo.

Como fará isso?

Vamos ter de começar, primeiro, fazendo a economia voltar a crescer. Se eu ganhar as eleições, logo na primeira semana quero ter uma reunião com os 27 governadores para que a gente possa estabelecer quais as prioridades de cada estado do ponto de vista de infraestrutura, da educação e da saúde, para que a gente possa ver que dinheiro tem de Orçamento e que dinheiro os empresários podem investir. Para que a gente comece, efetivamente, a trabalhar 24h por dia para a economia voltar a crescer, para gerar emprego e renda. E, aí, a gente vai cuidar dos pobres outra vez, a gente vai ter de incentivar muito a agricultura,

sobretudo até 100 hectares, que são 4,5 milhões de pequenos produtores, que é quem produz a comida do povo brasileiro, para que a gente aumente a nossa capacidade produtiva para balancear os alimentos. Vamos fazer a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) fazer um estoque regulador. A gente utiliza o estoque da Conab para equilibrar o preço. Quando o mercado estava aumentando muito o preço, a gente liberava os produtos da Conab para baratear, e tudo isso acabou. Vamos ter de começar quase tudo de novo outra vez.

Que análise faz do nível atual do emprego?

Temos um emprego informal muito grande no país, as pessoas estão perdendo os seus direitos. A reforma previdenciária trouxe prejuízo enorme aos aposentados. É uma espécie de pequena destruição do país além de destruição das instituições. Nós temos um governo que não respeita o Congresso, não respeita a Suprema Corte, o Poder Judiciário nem o sindicato. É um presidente que não conversa com ninguém. Então, vou ter de voltar e trabalhar mais que 24h por dia para que a gente possa colocar o Brasil nos eixos. Fico triste porque o salário está menor, o salário do servidor público está

menor, é preciso ter concurso para contratar mais gente e ter melhor atendimento.

Quais são seus planos para saúde?

É preciso colocar mais dinheiro na saúde, na educação, tudo isso está sendo desmontado. Parece-me que o presidente não tem apreço por educação, por cultura. Então, nós vamos ter de retomar, e espero que a sociedade possa participar ativamente disso. Vou voltar a retomar as conferências nacionais. Fiz 74 no meu mandato, para que a gente possa permitir que a sociedade defina quais políticas públicas boas para cada setor. Tudo isso vai ter de ser muito rápido, porque o Brasil não pode esperar. Eu tenho consciência de que muita gente fala que eu não deveria estar me candidatando, porque tive um mandato muito produtivo, mas eu estou voltando porque acredito que é possível reconstruir o Brasil.

Que propostas tem para o ensino fundamental?

Precisamos melhorar o ensino fundamental, colocar ensino de qualidade. Para isso, precisamos melhorar o salário dos professores e dos funcionários. Não adianta a gente querer comparar a escola privada com a escola pública, porque o professor ganha muito mais, e as condições de aula são muito melhores. No Brasil, a gente quer que os professores trabalhem com um salário de fome. Professores na periferia têm de saber se a criança está comendo ou está com algum problema em casa. Precisamos discutir a educação com mais seriedade. Estou convencido de que nós vamos fazer escolas de muito integral e, para isso, vamos ter de mudar, inclusive, o tamanho das escolas e o jeito que são feitas. É preciso que as escolas tenham multifuncionalidade e possam ter lazer e cultura, para que as crianças sintam prazer em ir para a escola, acordem e não queiram perder a aula. Precisamos chegar a esse ponto para nos transformar em um país efetivamente com educação formal e universitária de qualidade.

E em relação ao ensino médio?

Criar um ensino médio profissionalizante para que o jovem saia do ensino médio com uma profissão para entrar no mercado de trabalho. Tudo isso a gente vai começar a fazer logo no começo e vai acontecendo ao longo do nosso mandato. Em política não tem mágica. Quando as pessoas vem que está acontecendo, elas começam a acreditar e a contribuir para permitir que as coisas aconteçam com mais facilidade. Tenho quatro anos da minha vida para dedicar a este país, eu não quero fracassar. Se eu ganhar as eleições, quero fazer um mandato exitoso e melhorar a vida do povo brasileiro, sobretudo a questão da educação, que é a coisa mais extraordinária. Tudo que a mãe quer para o filho é que ele seja formado e tenha uma profissão. É importante para que ele seja independente e possa ter um bom emprego no mercado de trabalho, criar a sua família e viver bem. É isso que precisamos e é isso que eu tenho como meta fazer neste país.

O que pretende fazer na política externa?

Vou imediatamente fazer reunião com a União Europeia, com os Estados Unidos, com a China, com os países da América do Sul, porque não é possível a gente viver em um país em que o presidente não conversa com ninguém. Ninguém o convida para viajar e ninguém quer vir aqui ao Brasil. O Brasil está isolado. Um país que não tem contencioso internacional com ninguém, o único contencioso é o Bolsonaro falando bobagem quanto aos países vizinhos, o que não é papel de um presidente.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política **Página:** 2 e 4